



Elias Wolff

Editorial

A relação é um elemento constitutivo da realidade plural. Tudo o que existe exerce alguma forma de relação. Os elementos da natureza vivem num sistema relacional que lhes assegura a vitalidade. Na medida em que esse sistema se fragiliza ou deixar de existir, tudo o que dele depende também se fragiliza e desaparece. A experiência da relação é ainda mais essencial para a vida humana. O ser humano tem origem na relação e dela depende para sobreviver. A família, a escola, o ambiente de trabalho, o clube, a comunidade de fé são ambientes da convivência que qualificam a existência na mesma medida em que se qualifica a relação entre quem se encontra nesses meios. Na fé cristã a relação é também uma característica essencial do Deus Trindade. Entre o Pai, o Filho e o Espírito há uma relação perfeita numa eterna *perichoresis* e *circumincessão*. Isso tem consequências para a compreensão da Igreja, cujo ser e agir deve ser expressão do Deus que nela se manifesta. Por isso a Igreja é chamada a ser o lugar de experiências positivas de relação, nas quais se manifestam profundamente o amor, a comunhão, a partilha, a solidariedade, a amizade, o compromisso, gerando e sustentando o crer e o viver de todos(as).

A revista *Caminhos de Diálogo* oferece a possibilidade de refletirmos sobre esse fato, aprofundando alguns dos seus elementos. Mesmo tendo especificidades semânticas, os conceitos diálogo e relação se implicam mutuamente. Um e outro exigem formação, um processo educativo consequente. É importante compreender que a temática do diálogo é central no Vaticano II: “O processo conciliar adotou, por força do confronto das diferenças, por persuasão da palavra e por audição da alteridade, o caminho do diálogo, de modo a romper com o método clássico, visível nos demais concílios, por meio do qual a verdade era reafirmada de modo autoritativo, exclusivista e restritivo” (João Décio Passos, *O diálogo no Concílio Vaticano II*). E urge que os meios católicos deem concretude às orientações conciliares, realizando o diálogo como um processo educativo do ser cristão e ser Igreja hoje. Nesse sentido, é fundamental perceber como as escolas podem ser espaços de educação para relações maduras, um diálogo na verdade. Tomamos aqui um elemento da realidade escolar, a pastoral, mostrando como ela pode favorecer o diálogo/relação entre as diferentes formas de crer. A pastoral escolar tem (ou precisa ter) uma dimensão ecumênica e inter-religiosa (Elias Wolff e Raquel de Fátima

Colet, *A dimensão ecumênica e inter-religiosa da pastoral escolar na escola católica*). A partir de seus princípios cristãos, a identidade e missão da escola pode colaborar para uma positiva interação das formas de crer de professores e alunos. Mas não só a escola, também as instituições católicas de ensino superior são desafiadas a desenvolverem a ecumenicidade do trabalho pastoral que realizam (Alison Humberto Furlan, *Ecumenicidade na pastoral no ensino superior confessional católico*). O mundo acadêmico expressa uma rica diversidade religiosa e espiritual que se apresenta como possibilidades para enriquecimento mútuo de quem está nesse meio. E como pessoas de fé, entendemos, então, que o diálogo que realizamos é um testemunho do Deus no qual cremos. Por isso o diálogo enriquecedor na compreensão e vivência da verdade é orientado pela ação do Espírito. Apresentamos nesta edição de *Caminhos do Diálogo* ‘apontamentos’ na busca de compreensão sobre como o Espírito Santo inspira o diálogo das religiões (Elias Wolff e Adriano Lazarini Souza dos Santos, *O Espírito Santo e o diálogo inter-religioso: apontamentos da tradição e do magistério católico*). E no âmbito cristão mostramos como a relação entre evangélicos pentecostais e carismáticos católicos pode levar a um ‘ecumenismo espiritual’, que possibilita a todos sentirem-se realmente unidos no mesmo Espírito (André Luís da Rosa, *Ecumenismo espiritual: um encontro entre pentecostais e católicos carismáticos*). Assim, a consequência do diálogo verdadeiro é a comunhão, entre nós humanos e com Deus. Essa comunhão se expressa na missão, a qual abandona de vez objetivos e métodos que não favorecem ao mútuo conhecimento e à mútua acolhida entre as diferentes igrejas e religiões. Exemplificando, mostramos a experiência de missão dos capuchinhos no estado do Paraná (João Henrique Santana, *Missionários capuchinhos no Paraná: da pregação antiprotestante à mudança de paradigmas*). Isso tudo quer enfim, possibilitar real unidade entre os cristãos e a humanidade inteira. A unidade é vivida como serviço “para que o mundo creia” (Jo 17,21). É uma unidade no testemunho – *martyria*, para a qual o papa Francisco enfatiza “a dimensão testemunhal do empenho ecumênico” (Raquel de Fátima Colet e Rodrigo de Andrade, *A unidade na martyria: a dimensão testemunhal do empenho ecumênico nos discursos do papa Francisco*).

Esperamos que este número da *Caminhos de Diálogo* ajude os(as) leitores(as) a darem os passos necessários nesse caminho, para que o diálogo seja a realidade que nos irmana em projetos de vida que fortalecem o ser de todas criaturas. ✨